

190

# Índio assassinado põe aldeia em pé de guerra

ANTÔNIO CARLOS SILVEIRA

Os índios guaranis da Aldeia Morro da Saudade, em Barragem, Zona Sul, estão em pé de guerra contra a onda de assassinatos na região. A violência ultrapassou os limites da mata e, pela primeira vez na história da aldeia, um índio foi eliminado. O crime aconteceu na madrugada de sábado e a comunidade não descarta a possibilidade de formar um grupo de guerreiros para proteger a aldeia.

A vítima, o guarani paraguaio Eleno Venite, de 45 anos, foi executado com uma barra de ferro e também teria recebido um tiro na cabeça. O rosto do índio foi totalmente desfigurado com vários

golpes. A violência chocou a comunidade que, contrariando o costume indígena, decidiu chamar a Polícia para esclarecer o caso.

"Nós poderíamos ter enterrado o nosso irmão sem dar satisfação para ninguém, mas decidimos colaborar com os policiais para que não haja um segundo e terceiro índio assassinado", disse o guarani professor de história Karai Mirin, de 35 anos. Ele disse que a comunidade indígena também está preocupada com a violência que atinge os moradores nas vizinhanças da tribo.

Segundo o cacique Guyra Peço, de 54 anos, somente na semana passada cinco pessoas foram assassinadas, principalmente nas

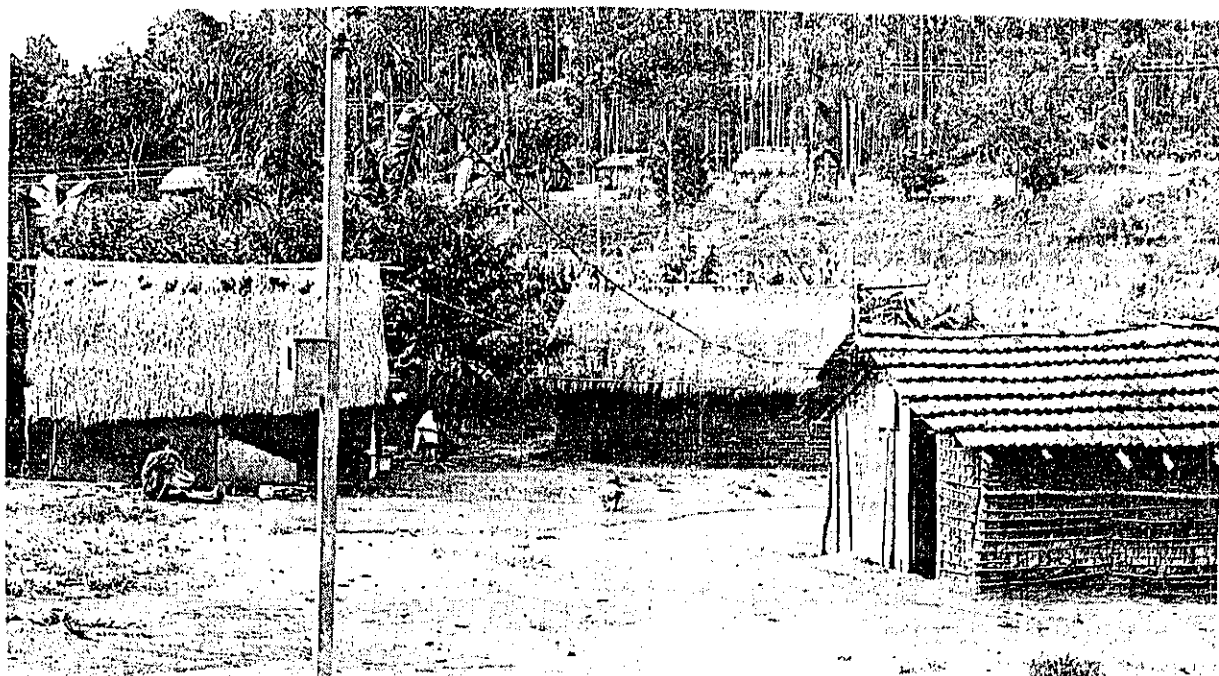
proximidades da barragem da represa Billings. Econômico nas palavras, o cacique disse que está preocupado com a segurança de seu povo. "Tem muita morte e isso tem de parar", afirmou.

Outro fator que colaborou para que os índios abrissem mão da tradição e permitissem que a Polícia fizesse a perícia no local e que o corpo de Eleno fosse levado para IML-Sul foi a crença de que os crimes podem ter sido praticados por um único homem. Eles afirmaram que as mortes têm semelhanças.

Segundo Karai Mirin, os outros mortos também receberam golpes de barra de ferro e um tiro na cabeça. "No assassinato de sexta-feira a gente sabe que foi pa-

ra roubar, mas o pessoal tá comentando que algum maluco pode estar matando as pessoas", disse. Segundo os índios, Eleno era uma pessoa pacata e não havia motivos para ser executado de forma tão violenta.

Preocupados com a violência, os índios dizem que podem apelar para suas próprias leis para impedir que a onda de assassinatos tire a tranquilidade da aldeia. "Se for preciso a gente organiza um grupo de guerreiros", disse Jekupé, que foi deixado na aldeia quando era criança, cresceu lá e foi criado pelo cacique. Nesta semana, o conselho da comunidade, que reúne lideranças indígenas, deve discutir o assunto. "Precisamos fazer alguma coisa", disse Karai Mirin.



Guaranis vivem na aldeia Morro da Saudade em terras demarcadas, mas parte delas está sendo questionada na Justiça



Índios vivem do artesanato que fazem e do palmito que extraem da floresta depois de andar o dia inteiro mata adentro

### Burocracia complica liberação

Jekupé foi encarregado de liberar o corpo de Eleno no IML. Mas passou o dia todo preso à burocracia da gente branca. É que índio não tem carteira de identidade e muito menos outros documentos que comprovem seu nome. "É um absurdo. Um desrespeito à nação indígena, que tem outros valores. Nosso índio não tem obrigação de ter documento", disse Karai Mirin.

Os funcionários do IML precisavam dos documentos para liberar o corpo do guarani. Para surpresa geral, até da comunidade, a mulher de Eleno, a índia Maria Ângela Jera Macena, tinha uma

certidão de casamento expedida pela Funai. Com o papel, Jekupé e Maria foram ao IML às 19h de ontem para liberar o corpo.

Eleno vai ser enterrado no cemitério da aldeia vizinha, a Cruçutu, que fica a cinco quilômetros da Morro da Saudade. Segundo o cacique, o enterro será realizado seguindo a tradição indígena, com o ritual dos guaranis. Os índios consideraram a dificuldade na liberação do corpo uma afronta às leis dos índios. "Aqui, quando morre alguém a gente pega e enterra com a rede que ele usava para dormir", disse o professor.



Jekupé passou o dia tentando liberar o corpo do indígena

3

2

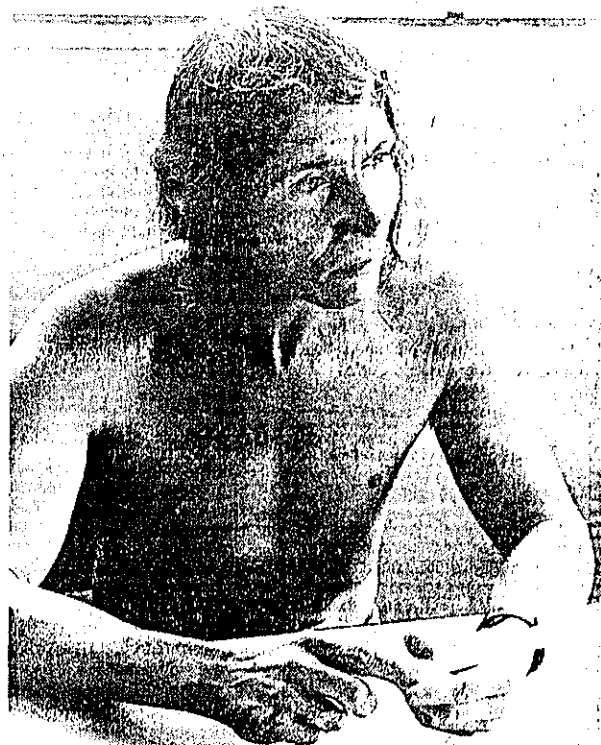
1522



*Eleno, um índio calmo, morreu desfigurado pela violência*



*Maria Angela tinha certidão de seu casamento com Eleno*



*Karai explica que os enterros são feitos de forma simples*

### Terra guarani invadida sempre

A aldeia dos guaranis tem área demarcada de quase nove alqueires, localizada na estrada da Barragem, em Barragem, Zona Sul, numa região ocupada por sítios e fazendas. Além da venda de artesanato, a comunidade sobrevive extraindo palmito da floresta, em caminhadas que duram o dia inteiro pela mata. Metade da área demarcada está sendo disputada na Justiça. "Os antigos donos da Rádio e TV Tupi grilaram parte

de nossas terras", disse Karai Mirin. No território indígena vale a lei do índio. Se a Polícia quiser entrar tem de pedir autorização ou invadir. "Como não tem cerca, é área aberta, às vezes entra Polícia e bandido correndo no meio das crianças, que são a maioria do nosso povo."

O caso está sendo investigado pela equipe R da Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa.